

O PROCESSO CIVILIZADOR E A BUSCA DA EXCITAÇÃO NO LAZER: NOTAS SOCIOLÓGICAS

Recebido em: 10/09/2023

Aprovado em: 12/12/2023

Licença: 

*Christianne Luce Gomes*¹

Universidade Federal de Minas Gerais/CNPq (UFMG)

Belo Horizonte – MG – Brasil

<https://orcid.org/0000-0002-0075-289X>

RESUMO: Este ensaio objetiva discutir alguns aspectos do “processo civilizador” e do quadro teórico desenvolvido para subsidiar a investigação sociológica sobre o lazer. Neste contexto, são apresentadas algumas das críticas dirigidas à teoria figuracional, ao processo civilizador e, por extensão, ao quadro teórico sobre a busca da excitação no lazer. Norbert Elias e Eric Dunning dedicam uma atenção especial ao “espectro do tempo livre”, no qual o lazer se contrapõe ao trabalho profissional e a várias outras atividades. Embora o estudo analisado contribua para ampliar o entendimento sobre a importância das emoções para as atividades de lazer, ele é passível de críticas que precisam ser apropriadas pelos estudiosos do lazer interessados nesta temática.

PALAVRAS-CHAVE: Atividades de lazer. Emoção. Sociologia.

THE CIVILIZING PROCESS AND THE QUEST FOR EXCITEMENT IN LEISURE: SOCIOLOGICAL NOTES

ABSTRACT: This theoretical essay aims to discuss some aspects of the “civilizing process” and the theoretical framework developed to support sociological research on leisure. In this context, some of the criticisms directed at figurational theory, the civilizing process and the theoretical framework on the search for excitement in leisure are presented. Norbert Elias and Eric Dunning pay special attention to the “Sparetime Spectrum”, in which leisure is contrasted with professional work and various other activities. Although the study analyzed contributes to expanding the understanding of the importance of emotions for leisure activities, it is subject to criticism that needs to be addressed by leisure scholars interested in this topic.

KEYWORDS: Leisure activities. Expressed emotion. Sociology.

¹ Doutora em Educação com Pós-doutorado em Ciências Políticas e Sociais. Professora Titular da UFMG e Pesquisadora do CNPq. Grupo de Pesquisa LUCE - Ludicidade, Cultura e Educação (UFMG/CNPq).

Introdução

Em que consiste o “processo civilizador” descrito por Norbert Elias, e como ele interfere nas atividades de lazer? Na compreensão de Elias e Dunning (1986), todas as atividades de lazer estimulam as emoções das pessoas? Por que eles consideram que a excitação é fundamental para o lazer? De que maneira a rotina se faz presente nas atividades de tempo livre e de lazer? Até que ponto o “espectro do tempo livre” desenvolvido por Elias e Dunning contribui para a compreensão do lazer nos dias de hoje? Estas são as questões que mobilizaram a elaboração do presente ensaio. Para respondê-las, o texto foi organizado em duas partes principais. Primeiramente, apresenta-se a sociologia figuracional e o “processo civilizador”, tendo em vista explorar alguns conceitos centrais do constructo teórico sistematizado por Norbert Elias. Na sequência, são destacadas algumas das críticas dirigidas ao pensamento deste autor.

A segunda parte do texto explora o livro “A busca da excitação”, concentrando-se nos capítulos dedicados à sociologia do lazer, que foram escritos por Elias em parceria com seu ex aluno, assistente e colaborador, Eric Dunning. Os autores esclarecem que esta obra foi produzida com as lentes da sociologia figuracional, tendo em vista o desafio de construir um quadro teórico geral para a investigação sociológica sobre o lazer. Neste contexto, destaca-se o que eles denominam de “Sparetime Spectrum”. Esse “espectro do tempo livre” é apresentado e examinado neste artigo em relação à tipologia esboçada por Elias e Dunning no primeiro capítulo da obra estudada. O texto é finalizado com algumas reflexões.

O Processo Civilizador e a Sociologia Figuracional

O sociólogo alemão Norbert Elias (1897-1990) ficou conhecido principalmente pelas repercussões de seu trabalho mais famoso, intitulado “O Processo Civilizador”,

publicado no ano de 1939 em dois volumes. Este estudo introduz e explora os conceitos centrais da teoria que Elias denominou de sociologia figuracional, ou figuracionista. Nesta abordagem teórica os indivíduos não podem ser analisados isoladamente porque são interdependentes e interligados por meio de relações sociais. A ação de um indivíduo afeta os outros e é afetada por eles, criando uma teia de conexões sociais que moldam seus comportamentos e atitudes. Neste processo de interação humana são formadas “figuras”, metáfora escolhida pelo autor para descrever as redes de interdependência e relações sociais.

As figuras são estruturas dinâmicas que mudam ao longo do tempo, refletindo as mudanças nas normas sociais, nas relações de poder e nas instituições. Segundo Elias (2000), a sociologia figuracional se concentra na análise dessas figuras sociais e nas transformações que elas passam à medida que as sociedades evoluem. Neste sentido, o autor enfatiza que é preciso entender não apenas as relações sociais imediatas, mas também as interconexões de longo prazo e as influências históricas nas dinâmicas sociais.

Condizente com essas premissas, “O Processo Civilizador” explora a complexidade das relações humanas e a interdependência entre os indivíduos e os grupos em uma sociedade em constante mudança. Deste modo, a obra descreve as transformações nas normas sociais e comportamentais instituídas na sociedade europeia desde a Idade Média até a Era Moderna. Elias observa que, ao longo dos séculos, as mudanças nas estruturas de poder e nas instituições sociais da Europa moldaram o comportamento das pessoas, afetando as relações interpessoais. O autocontrole emocional e físico, assim como o gerenciamento dos impulsos e das formas de expressão, é essencial para o êxito do processo civilizador.

Neste contexto, uma etiqueta baseada em normas de comportamento “mais civilizadas” foi adotada por segmentos sociais elitizados para especificar, por exemplo, como se deve comportar à mesa, assoar o nariz ou cuspir. Para evitar situações vergonhosas, ao longo dos séculos medievais várias práticas corporais e sociais foram gradualmente substituídas por outras mais refinadas. De acordo com Elias, a vergonha está ligada ao distanciamento dos comportamentos vistos como inadequados e à busca por reconhecimento e distinção social. Assim, as pressões sociais externas se convertem em um autocontrole interno, algo essencial para a formação da “personalidade moderna”. Neste âmbito, o autor argumenta que a gradativa transformação da mentalidade, das emoções e comportamentos, faz com que as pessoas fiquem cada vez mais civilizadas.

Outro aspecto do processo civilizador que pode ser mencionado é o monopólio Estatal da violência. Este conceito foi desenvolvido para explicar a transição da violência como algo essencial para a formação dos Estados modernos. Seguindo esta premissa, somente o Estado detém o direito de usar a força. Essa compreensão também transformou, ao longo do tempo, as relações de poder e as dinâmicas sociais estabelecidas na Era moderna (Elias, 2000).

Obviamente, o processo civilizador descrito por Elias – um sociólogo alemão de ascendência judaica – é muito mais amplo e complexo do que os apontamentos efetuados neste artigo. Cabe lembrar que quando Adolf Hitler chegou ao poder como Chanceler, em 1933, Elias deixou a Alemanha porque era crescente a perseguição aos judeus e as restrições impostas pelo regime nazista. Elias refugiou-se na França e, posteriormente, se estabeleceu no Reino Unido, onde desenvolveu sua carreira acadêmica e passou a maior parte de sua vida. Deste modo, os dois volumes de “O Processo Civilizador” foram publicados originalmente em alemão em Basel, na Suíça,

alguns anos depois de Elias abrigar-se em outro país. Posteriormente, esta obra foi publicada em outros idiomas, ganhando mais popularidade no campo da sociologia quando foi traduzida para o inglês, cerca de três décadas após o lançamento de sua 1ª edição em alemão.

Como visto, nesta obra Elias examina a importância do processo civilizador para a formação do comportamento civilizado na Europa, do período medieval até a Era Moderna. Embora não tenha discutido o contexto histórico no qual seu estudo foi desenvolvido, o “comportamento civilizado” destacado em sua análise contrasta fortemente com a barbárie dos regimes nazista e fascista. Além disso, o genocídio dos judeus e as Guerras Mundiais que devastaram a Europa abalaram profundamente as normas sociais. Esse paradoxo não passou despercebido. Assim, muitos dos avanços civilizatórios que Elias descreveu foram postos à prova, provocando polêmicas que ainda hoje dividem opiniões.

Bauman (1989), ao analisar a complexidade e singularidade do Holocausto no bojo das transformações sociais ocorridas na Europa do século XX, argumenta que a teoria de Elias não é suficiente para explicar, por exemplo, a violência extrema deste genocídio. O monopólio Estatal da violência – um elemento do processo civilizador considerado essencial para a formação dos Estados modernos – foi fortemente contestado, sobretudo por causa do Holocausto. Concordando com Adorno, Bauman questiona o uso do termo “civilização”, depois do que ocorreu em Auschwitz. Mennell (1997) chegou a afirmar que o próprio Holocausto refuta a teoria do processo civilizador na Europa.

As críticas de Blok (1982) à sociologia figuracional incidem sobre vários aspectos, tais como o conceito de civilização adotado por Elias no processo civilizador – pelo fato desta teoria ser elaborada no Ocidente com fortes conotações normativas,

preconceitos e sentimentos de superioridade. Para ele, Elias foi etnocêntrico, evolucionista unilinear e até mesmo racista, pois designou os povos das sociedades não europeias de primitivos e selvagens.

O processo civilizador ajuda a forjar, segundo Bauman (1989), o “mito do Ocidente”. Ele explica que neste mito o Ocidente, e particularmente a Europa, são o paradigma de civilização a ser seguido. Na compreensão deste autor, ao se concentrar na experiência europeia do processo civilizador, Elias reforça uma visão eurocêntrica, pautada na ideia de que a civilização e o desenvolvimento moral estão intrinsicamente ligados à “história europeia”. Mennel (1990) também considera que o fato de Elias se basear inteiramente em evidências europeias é um ponto fraco do processo civilizador. Isso se deve não apenas à interpretação eurocêntrica, mas ao fato de ser sobre a Europa, e especificamente sobre o processo de desenvolvimento por meio do qual os europeus começaram a usar o termo “civilização” como um distintivo do que supunham ser a sua superioridade sobre os povos não-europeus.

Para Bauman (1989), uma narrativa eurocêntrica não pode simplificar a história da civilização, por isso é preciso reconhecer a diversidade cultural e histórica das sociedades e culturas do mundo. O autor argumenta que o mito do Ocidente, além de reforçar a crença do processo civilizador como um fenômeno exclusivamente europeu, pode ser relacionado com o passado colonial e imperialista da Europa. Ele observa que as potências coloniais frequentemente alegaram superioridade moral e cultural sobre os povos colonizados, com base na ideia de que estavam levando a “civilização” para essas sociedades “primitivas”, “bárbaras”, menos desenvolvidas ou em estágio inicial de evolução.

Da forma como esse processo foi descrito por Elias, ignora as diversidades histórico-culturais e sociais não-europeias, marginalizando ou subestimando outras

culturas. O universalismo presente na obra de Elias também reforça a crença de que a Europa é um território homogêneo, como se os princípios do processo civilizador pudessem ser observados em todas as culturas e contextos sociais europeus (Bauman, 1989).

Pelo exposto, eurocentrismo, universalismo linear, falhas historiográficas e inconsistências teóricas, assim como a distinção entre cultura e civilização feita por Elias no início do processo civilizador (Gordon, 2003), entre outros aspectos, são apontados por diferentes autores como fragilidades de sua obra mais relevante. No entanto, vários estudiosos, como Eric Dunning (1997), defendem a sociologia figuracionista alertando que há interpretações distorcidas sobre o pensamento de Elias. De acordo com Dunning, Elias reconheceu que geralmente o termo “civilização” é dotado de uma carga valorativa. Contudo, em seu uso sociológico, especialmente quando se trata do processo civilizador, o termo civilização é técnico e desprovido de qualquer carga valorativa.

Heinich (1997) reconhece que o pensamento de Elias contém ideias ambíguas, porém, alega que muitas críticas são decorrentes de interpretações equivocadas e que desconsideram a obra do autor como um todo. Assim, a autora usa diferentes argumentos para refutar o sentido normativo atribuído ao processo civilizador, assim como a suposta visão evolucionista, universalista, substancialista e logicista de Elias.

Se por um lado “O Processo Civilizador” é passível de críticas, por outro a importância desta obra continua sendo reconhecida. Desse modo, o constructo teórico sistematizado por Elias é adotado por estudiosos de várias disciplinas, em diferentes países. Esses estudos são dedicados a diferentes temáticas, como lutas (Schloss, 2022), música (Sinclair; Tinson, Dolan, 2019), práticas culturais corporais da geração jovem

(Frydendal; Thing, 2020), yoga (Thurston; Bloyce, 2020), boxe (Dolan, 2018) e esportes de combate (Gong, 2015), entre muitos outros.

O próprio Norbert Elias publicou vários trabalhos que podem ser considerados como desdobramentos dos principais conceitos por ele desenvolvidos em “O Processo Civilizador”. Entre essas publicações, pode ser citado um livro de relevância para os estudos do lazer. Este trabalho foi publicado por Norbert Elias em colaboração com Eric Dunning e explora o lazer e o esporte no contexto do processo civilizador. Os dois autores estabeleceram uma relação acadêmica muito próxima, possibilitando o desenvolvimento de vários estudos em parceria. Este assunto será discutido na próxima seção.

O Lazer e a Busca da Excitação

O livro “Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process” foi publicado em inglês por Elias e Dunning em 1986. Nos 10 capítulos que integram este estudo, os autores aplicam a sociologia figuracional desenvolvida por Elias para discutir a relação entre transformações sociais, lazer e esporte. Atentos ao processo civilizador, os autores procuram entender como as atividades de lazer são influenciadas por essa dinâmica. Este é o principal assunto tratado nos dois primeiros capítulos, que foram priorizados neste texto porque eles apresentam uma discussão sociológica específica sobre o lazer, enquanto os demais capítulos tratam das questões em torno do esporte.

Elias e Dunning (1986) alegam que os padrões de controle da excitação, assim como a excitação de uma maneira geral, podem parecer insignificantes se considerados em si mesmos. Neste sentido, para que o controle da excitação se revele com mais nitidez, os autores indicam ser preciso utilizar uma medida de comparação para guiar as análises. Seguindo esta linha de interpretação, as situações que originam

comportamentos de excitação nos indivíduos são menos frequentes nas sociedades industriais mais avançadas, em comparação com as sociedades menos desenvolvidas. Este controle objetiva conter as excitações intensas em público, e até em privado, para que as pessoas evitem se expor demasiadamente. Assim, eles consideram que a organização social do controle da excitação individual tornou-se mais forte e efetiva nas sociedades contemporâneas altamente desenvolvidas.

Cabe esclarecer que a excitação discutida por Elias e Dunning é de um gênero particular: os autores explicam que ela é menos refletida, menos dependente de previsão, do conhecimento e da capacidade para libertar cada pessoa das cargas opressivas que a rodeiam. A busca de excitação nas atividades de lazer é equivalente ao grau de controle e restrição da emotividade na vida ordinária. Isso acontece porque há maior tolerância quanto à exteriorização pública da excitação emocional no lazer. Desse modo, os autores entendem que as atividades de lazer são uma área social que favorece a libertação, por um curto período de tempo, das restrições cotidianas.

Tendo em vista esta característica, as atividades de lazer proporcionam a erupção de sentimentos fortes e agradáveis que, frequentemente, estão ausentes nas rotinas habituais da vida. Portanto, a necessidade individual do lazer nas sociedades civilizadas contemporâneas é a necessidade de um tipo específico de excitação agradável. Ela é sempre agradável sob uma forma que, dentro de certos limites, pode ser desfrutada com a anuência da sociedade e da nossa própria consciência. Os autores argumentam que é imprescindível prestar atenção aos aspectos agradáveis das atividades de lazer para desenvolver uma teoria adequada sobre o tema (Elias; Dunning, 1986).

Para eles, as restrições e a rotina são necessárias para manter a ordem e a segurança porque elas geram monotonia e reprimem emoções. No entanto, o

comportamento emocional e as experiências da vida ordinária adquirem uma tonalidade diferente no contexto mimético. Neste contexto, é permitido que as pessoas experimentem (e em alguns casos, representem) emoções e sentimentos intensos, sem correr os riscos normalmente associados às atividades realizadas na vida ordinária sob o impacto de forte excitação emocional.

Cabe esclarecer que o termo mimético não é utilizado pelos autores em seu sentido literal, como se fosse uma mera imitação da vida real. Os fatos e as atividades de lazer que são agrupados sob o nome de miméticos partilham uma característica estrutural comum: despertar e libertar emoções. Portanto, as atividades de lazer que liberam emoções são chamadas de miméticas e é sobre elas que Elias e Dunning dedicam uma atenção especial.

Os autores enfatizam que o que as pessoas buscam nas atividades miméticas de lazer é uma excitação agradável, uma deleitante vibração das emoções que seja capaz de proporcionar alguma satisfação. A excitação é o condimento de todas as satisfações próprias das atividades de lazer, tais como o esporte, a música, a pintura, o xadrez, a dança, etc. Eles afirmam que nas sociedades altamente civilizadas e, em certa medida, também naquelas que estão num estágio de desenvolvimento anterior, os fatos e atividades miméticas de lazer libertam diferentes emoções. Libertam até mesmo os sentimentos que geralmente são evitados na vida real, como ansiedade, medo, êxtase, amor, simpatia, antipatia, amizade e ódio, entre outros. Experimentar sentimentos antagonistas como medo e prazer faz parte do processo de satisfação no lazer porque ele é uma fonte de renovação emocional.

Desde que não ultrapasse certos limites, a excitação agradável pode ser buscada e demonstrada publicamente porque ela conta com a aprovação da sociedade e da própria consciência da pessoa. Nesse âmbito, diferentes atividades miméticas de lazer

possibilitam experimentar o ódio e o desejo de matar, derrotar adversários e até mesmo humilhar os inimigos. Isso fica claro, por exemplo, nas atividades de lazer que envolvem disputa, como as competições esportivas.

A estimulação emocional peculiar, assim como a renovação de energias proporcionadas pelas atividades de lazer da categoria mimética, culmina numa tensão agradável, equivalente às restrições emocionais exigidas nas sociedades civilizadas. Os autores afirmam, reiteradamente, que as diferentes atividades miméticas de lazer buscam produzir tensões de um tipo particular: trata-se do desenvolvimento de uma agradável tensão-excitação. Juntos, estes dois elementos são a peça fundamental da satisfação no lazer.

Logo, para os autores, as tensões perpassam todas as atividades de lazer integradas na esfera mimética. A obra aqui analisada evidencia que os autores se esforçam por contestar a ideia recorrente de que o lazer tem como finalidade aliviar as tensões, sobretudo as tensões geradas pelo trabalho. Neste sentido, eles consideram um equívoco restringir o lazer à descontração da fadiga diária e à liberação das tensões do trabalho. Mesmo que as pessoas busquem uma excitação agradável no lazer mimético, eles alegam que as tensões são um ingrediente essencial de todos os tipos de divertimentos.

Baseados em Aristóteles, os autores salientam que a excitação mimética das atividades de lazer pode produzir um efeito de catarse tanto na perspectiva individual, como na social. Para o filósofo grego, o prazer é necessário ao efeito curativo e catártico das ocupações de lazer, como é comum na música e no teatro. Na interpretação de Elias e Dunning (1986), mesmo que o conceito grego de lazer não tenha exatamente o mesmo sentido do lazer moderno, Aristóteles dedicou grande atenção ao estudo daquilo que poderia ter designado por “problemas do lazer” (p. 120). Os autores associam o termo

grego *scholē* com as ocupações dos “homens de lazer”, aquilo com que preenchiam seu “tempo de lazer” (p.121). Considerações como estas são recorrentes na obra analisada. A discussão sobre a busca da excitação no lazer evidencia, portanto, a presença de uma visão anacrônica sobre o tema.

Os autores rejeitam a tradicional polarização entre trabalho e lazer e criticam a tendência da literatura sociológica em considerar o lazer como um mero acessório do trabalho. Eles mencionam que o predomínio de uma abordagem sobre o lazer centrada no trabalho pode conferir uma certa consistência no tratamento dos mesmos, mas esta solidez deve-se a um sistema de valores e crenças comumente aceitas que, no entanto, são discutíveis. Nesta perspectiva, enquanto o trabalho geralmente é visto como algo superior, o lazer é inferiorizado por ser associado com preguiça e indulgência. Eles ressaltam que além do conceito de lazer ser impreciso, distorcido e carregado de juízos de valor, continua a ser relativamente desprezado como área de investigação sociológica.

Deste modo, Elias e Dunning (1986) questionam a convencional polarização entre o trabalho e o lazer, na qual o trabalho é concebido como uma atividade remunerada e o lazer é tratado como sinônimo de tempo livre. Eles alertam que a considerável confusão quanto à utilização desses termos prejudica as pesquisas sociológicas. Em uma nota de rodapé, comentam que alguns autores, como Dumazedier (1979), já haviam salientado que o uso indistinto desses dois termos era problemático. Apesar de Dumazedier começar a distinguir o lazer do tempo livre, para eles ainda era comum a “incorreta dicotomia trabalho-lazer”. Assim, somente uma parte do tempo livre pode ser dedicada ao lazer, sendo este entendido pelos autores como uma ocupação agradável, escolhida livremente e não remunerada.

Muitas atividades do tempo livre ainda eram inexploradas, segundo Elias e Dunning, enquanto área de investigação. Com o intuito de fazer uma distinção entre o lazer e o tempo livre, o primeiro capítulo da obra analisada apresenta uma classificação provisória para as atividades realizadas nestes âmbitos. Essa classificação engloba cinco grupos e os autores explicam que eles não são estanques, pois as atividades específicas de cada grupo podem se confundir e se sobrepor. As atividades do tempo livre foram classificadas conforme listado a seguir.

- *Trabalho privado e administração familiar* — Esta categoria engloba atividades familiares e domésticas, assim como as tarefas vinculadas a elas, as transações financeiras e os planos para o futuro que fazem parte da rotina de cada família. Esta esfera do tempo livre tende a ocupar mais tempo à medida que o padrão de vida se eleva. Elias e Dunning afirmam que a área do trabalho privado e a organização familiar dificilmente podem ser chamadas de lazer.
- *Repouso* — Esta categoria refere-se a estar sentado, tricotar, fumar, envolver-se com futilidades, os devaneios, não fazer nada em particular e, acima de tudo, dormir. As atividades deste grupo podem ser contempladas no lazer, mas elas são nitidamente distintas das atividades miméticas de lazer, que pertencem a outra categoria.
- *Provisamento das necessidades biológicas* — As necessidades biológicas são cíclicas e rotineiras, socialmente padronizadas (comer, beber, defecar, fazer amor, dormir, etc) e podem ser supridas no tempo livre ou em outras circunstâncias. Quando elas estão providas, podem aparecer de uma forma deliberada, visando gerar uma satisfação agradável: por exemplo, comer fora de casa. Portanto, as necessidades biológicas podem irradiar para outras categorias,

principalmente para a sociabilidade. Quando proporcionam um acentuado prazer e satisfação, de uma maneira não rotineira, assemelham-se à categoria mimética.

- *Sociabilidade* — A esta categoria pertencem atividades que podem estar relacionadas com o trabalho ou não: participar de uma excursão da empresa, visitar colegas, ir a um clube, a uma festa, a um bar ou restaurante, falar com os vizinhos, estar com outros, como um fim em si mesmo. A sociabilidade pode ser formal ou não, com várias escalas intermediárias. Enquanto uma forma de passar o tempo livre, essas atividades diferem conforme os estratos da sociedade.
- *Categoria das atividades miméticas ou jogo* — Esta categoria inclui diversas atividades de lazer, como a ida ao teatro, ao cinema, as corridas, a caça, a pesca, jogar bridge, apostar, praticar montanhismo, dançar ou ver TV. As atividades de tempo livre deste tipo possuem o caráter de lazer. Cada pessoa pode participar como ator ou como espectador, desde que essa participação não seja para “ganhar a vida”, pois neste caso seria uma forma de trabalho. A participação também não poderia ser considerada lazer mesmo que envolvesse atividades muito agradáveis, pois implicaria todas as obrigações e restrições características do trabalho profissional.

Segundo Elias e Dunning, esta primeira tipologia foi um ponto de partida para outras construções teóricas. Entre os argumentos para defender a classificação das atividades do tempo livre, destaca-se a falta de um quadro teórico comum para a investigação sobre o lazer. Assim, esta classificação foi o esboço do qual emergiu uma tipologia por eles considerada mais precisa e compreensiva: o “espectro do tempo livre”.

Similarmente ao espectro das cores, o termo “espectro” foi escolhido para nomear o quadro teórico por eles desenvolvido porque os vários tipos de atividades do tempo livre que o integram podem se confundir, se sobrepor e se fundir. Como o espectro do tempo livre não é arbitrário, as atividades de lazer são uma categoria que pode estar relacionada com outras. Apesar disso, advertem que cada categoria só pode ser compreendida a partir de suas próprias características. Quanto às características especiais das atividades de lazer, elas são configuradas em relação ao trabalho profissional. Elas também devem ser configuradas em relação às várias atividades de tempo livre, um aspecto que, para Elias e Dunning, vinha sendo negligenciado na investigação sociológica sobre o lazer.

O espectro é dividido em três blocos e cada um deles conta com subdivisões. Rotinas do tempo livre, atividades intermediárias e atividades de lazer são as três categorias que compõem este espectro. Essas categorias foram descritas e exemplificadas pelos autores, da seguinte maneira:

- *Rotinas do tempo livre*
 - a. Provisão rotineira das próprias necessidades biológicas e cuidados com o corpo — comer, beber, descansar, dormir, fazer exercícios, tomar banho, resolver questões relativas a alimentos e a doenças etc.
 - b. Governo da casa e rotinas familiares — organizar e administrar a casa, lavar roupas, fazer compras, preparar uma festa, resolver assuntos tributários, administrar diferentes formas de trabalho não profissional para si e para a família; lidar com problemas familiares; alimentar, educar e cuidar de crianças; tratar de animais.
- *Atividades intermediárias de tempo que servem, principalmente, para as necessidades de formação, auto-satisfação ou auto-desenvolvimento:*

- a. Trabalho voluntário — por exemplo, participação em atividades locais, eleições, igreja e ações de caridade.
 - b. Trabalho particular (não profissional) para si próprio, de natureza relativamente séria e com frequência impessoal — estudo privado para progredir profissionalmente, passatempos técnicos sem valor profissional que exigem perseverança, estudo especializado que envolve competências, como construir rádios ou ser amador de astronomia.
 - c. Trabalho particular (não profissional) para si próprio, de um tipo mais breve e com menos exigências — passatempos como fotografia amadora, trabalho em madeira e coleção de selos.
 - d. Atividades religiosas.
 - e. Atividades de formação de caráter mais voluntário, menos controlado socialmente e com frequência esporádica — formas menos sérias e mais interessantes de adquirir conhecimento, com muitas tonalidades intermediárias: leitura de jornais e periódicos, audição de debates, assistência a conferências de educação de adultos, programas informativos de TV.
- *Atividades de lazer*
 - a. Atividades puras ou sociáveis.
 - i. Participar como convidado em reuniões mais formais, como casamentos, funerais ou banquetes; ser convidado para jantar na casa de alguém.
 - ii. Participar de atividades coletivas de lazer, com informalidade e um nível emocional mais amigável em relação a outras atividades

de tempo livre e de trabalho. Por exemplo, reuniões no bar, festas, encontros familiares, grupos de conversas banais.

- b. Atividades de jogo ou “miméticas”.
 - i. Participar em atividades miméticas de elevado nível organizativo, como membro de uma organização, teatro amador, clube esportivo etc. A maior parte das atividades miméticas envolve um grau considerável de destruição da rotina e alívio das restrições, por meio de movimento do corpo.
 - ii. Participar como espectador de atividades miméticas bastante organizadas sem fazer parte da própria organização, com pouco ou nenhum envolvimento nas suas rotinas. Por exemplo, ir a um jogo, ver futebol.
 - iii. Participar como ator de atividades miméticas menos organizadas, por exemplo, dança e montanhismo.
- c. *Miscelânea de atividades de lazer menos especializadas, de agradável destruição da rotina e com frequência multifuncional.* Por exemplo, viajar nos feriados, comer fora para variar, relações de amor que combatem a rotina, fazer um passeio a pé, tomar banho de sol.

Segundo Elias e Dunning (1986), este espectro classifica os principais tipos de atividades que, para eles, seriam atividades do tempo livre verificadas nas sociedades avançadas. Diferentemente da tipologia anterior, no espectro do tempo livre a distinção entre as três categorias se baseia, sobretudo, no grau de rotina verificado em cada uma delas. As rotinas impõem um nível bastante elevado de regularidade, estabilidade e controle emocional, bloqueando outras possibilidades mesmo quando elas poderiam corresponder aos sentimentos e necessidades emocionais da pessoa.

Para satisfazer as exigências do processo civilizador a longo prazo, o social predomina sobre o individual nas esferas da vida muito rotineiras. Desse modo, considera-se que os interesses e necessidades individuais são supridos por meio do social. As pessoas ficam tão habituadas a não agir de acordo com os seus sentimentos que a restrição parece ser normal, especialmente se o autocontrole for automático. O grau e o padrão do autocontrole variam de acordo com o estágio de desenvolvimento de cada sociedade. Em geral, nas sociedades altamente industrializadas, a interiorização do autocontrole individual é mais forte e mais firme, resultando numa armadura de autodomínio essencial para a manutenção das rotinas (ELIAS; DUNNING, 1986).

O trabalho profissional geralmente é muito rotineiro, e, para os autores, várias atividades do tempo livre também são. Embora algumas atividades descritas no espectro do tempo livre tenham caráter de trabalho, para Elias e Dunning (1986) elas são muito diferentes do trabalho profissional. Algumas atividades do tempo livre podem ser altamente rotineiras, outras são voluntárias e nem todas são agradáveis: esta última característica é exclusiva das atividades de lazer porque, nelas, a destruição da rotina acontece mais rapidamente. Nesta linha, os autores entendem que a excitação é crucial para as atividades de lazer porque favorece a destruição da rotina. No entanto, se a repetição ou o grau de controle forem muito rígidos, as atividades miméticas de lazer podem ficar rotineiras, comprometendo a agradável expectativa de que algo imprevisível e arriscado aconteça.

Comparando a classificação provisória para as atividades do tempo livre (dividido em cinco categorias) com o espectro do tempo livre (que engloba três categorias), alguns elementos podem ser comentados. O primeiro deles é que, em ambas as classificações, o “tempo livre” assume o lugar atribuído ao lazer enquanto uma esfera que, supostamente, se contrapõe ao trabalho profissional. Mesmo que o espectro do

tempo livre contemple atividades rotineiras, intermediárias e de lazer, a polarização com o trabalho profissional permanece.

No espectro, a categoria “rotinas do tempo livre” passou a englobar atividades que anteriormente estavam separadas, sendo elas relacionadas à administração familiar, afazeres domésticos e provimento das necessidades biológicas. Como são atividades rotineiras, para Elias e Dunning elas não são atividades de lazer. Neste aspecto, a visão dos autores se aproxima do entendimento de Dumazedier (1979), para quem as atividades domésticas e familiares, entre várias outras, não podem ser consideradas lazer porque são atividades obrigatórias.

O espectro do tempo livre também inclui, sob o nome de “atividades intermediárias de tempo que servem, principalmente, para as necessidades de formação, auto-satisfação ou auto-desenvolvimento”, as atividades educativas, religiosas, políticas, o trabalho privado e várias outras, como o trabalho voluntário e o cultivo de hobbies. Esta categoria não estava prevista na tipologia anterior, indicando que os autores passaram a considerar as atividades “intermediárias” como não exclusivas do tempo livre. Possivelmente, por essa razão elas foram designadas de atividades intermediárias de “tempo”, e não necessariamente de tempo livre.

Elias e Dunning sugerem que todas as atividades de lazer se estruturam a fim de proporcionar uma excitação agradável ou, pelo menos, estimular as emoções, em combinação com um grau relativamente elevado de escolha individual. Além disso, elas envolvem um grau considerável de destruição da rotina e alívio das restrições, possibilidade que alcança o ápice com as atividades miméticas de lazer. A categoria das atividades de lazer apresenta várias subdivisões no espectro do tempo livre, abarcando as atividades repouso, entre outras, que na tipologia estavam separadas das miméticas.

Cabe destacar, ainda, que a sociabilidade que constituía um campo específico de atividades na tipologia anterior, no espectro do tempo livre passa a ser considerada como um elemento comum às atividades de lazer, junto como a mobilidade e a imaginação. Segundo os autores, estas formas elementares de ativação emocional estão presentes em todas as atividades de lazer.

Para explicar as funções destes três elementos de lazer – sociabilidade, mobilidade e a imaginação –, Elias e Dunning (1986) afirmam que elas podem ser sintetizadas em duas esferas primárias das atividades de lazer nas nossas sociedades, que eles denominam de esfera de sociabilidade e esfera mimética.

A sociabilidade, elemento básico do lazer, para os autores tem um papel fundamental para a maioria das atividades de lazer, ou até mesmo para todas elas. O sentimento agradável decorre do fato de estar na companhia dos outros para obter satisfação e prazer, alcançar um nível mais elevado de calor emocional, integração social e estimulação através da presença de outros. Esta estimulação é divertida, sem obrigações sérias ou riscos. A sociabilidade do lazer, assim como as atividades miméticas, é um indicador de características das sociedades industriais. Para eles, as características distintivas da sociabilidade como uma esfera de lazer são bastantes claras.

Finalizando, o termo “mimético” proposto por Elias e Dunning (1986) refere-se aos fatos e atividades que partilham as algumas características estruturais: despertam emoções de um tipo específico, diferente daquelas que são experimentadas na vida ordinária. No contexto dos fatos miméticos, as pessoas podem experimentar emoções e sentimentos antagônicos que também são vivenciados em momentos de “não lazer”. O comportamento emocional e as experiências da vida ordinária adquirem uma tonalidade diferente no contexto mimético por meio das atividades realizadas sob o impacto de

forte excitação emocional, em particular nas sociedades altamente civilizadas. Assim, para os autores, as atividades miméticas de lazer funcionam como um “antídoto” para as rotinas.

Considerações Finais

Elias e Dunning (1986) contribuem para ampliar o entendimento acerca da importância das emoções para as atividades de lazer. Estou de acordo com eles quando afirmam que é preciso repensar a afirmativa de que o lazer tem como finalidade aliviar as tensões, sobretudo as tensões geradas pelo trabalho produtivo. Afinal, em muitos casos, as atividades de lazer podem gerar emoções e tensões que adquirem um significado especial para quem as vivencia, proporcionando satisfação.

Segundo o ponto de vista adotado neste texto, são pertinentes muitas das críticas dirigidas à teoria figuracional, ao processo civilizador e, por extensão, ao quadro teórico que sustenta boa parte da discussão sobre a busca da excitação no lazer. É inegável, por exemplo, que muitas ideias desenvolvidas por Norbert Elias reforçam o Mito do Ocidente (Bauman, 1989), são eurocêntricas e fundamentam o lazer por uma perspectiva anacrônica. Desse modo, as críticas à sociologia figuracional também precisam ser apropriadas pelos estudiosos do lazer que seguem a abordagem de Elias.

Mesmo que o espectro do tempo livre não seja arbitrário, a polarização trabalho-lazer criticada por Elias e Dunning permanece no construto teórico por eles formulado. A diferença é que o lazer não se contrapõe apenas ao trabalho profissional, ele também se contrapõe a várias atividades no espectro do tempo livre.

Como explica Adorno (2002), a distinção entre trabalho e tempo livre foi inculcada como norma à consciência e inconsciência das pessoas. O autor suspeita que o tempo livre caminha em direção contrária ao seu próprio conceito, tornando-se uma

paródia. Se por um lado ele é idealizado porque as pessoas não percebem o quanto “não” são livres no tempo livre, por outro lado, ele é portador de ideologias, reduzindo-se a um mero apêndice do trabalho. Seguindo esta lógica, o tempo supostamente livre do trabalho visa restaurar a força de trabalho e camuflar a não-liberdade, algo desconhecido pela maioria das pessoas não-livres. É no tempo livre que as pessoas se sentem mais livres, mas ele é repleto de coerções sociais. Estes aspectos foram negligenciados nas discussões sobre o espectro do tempo livre e sobre a busca da emoção no lazer.

Quanto às obrigações domésticas e familiares classificadas no espectro como atividades rotineiras de tempo livre, cabe questionar se elas deveriam realmente ser incluídas neste quadro teórico. Outro aspecto a ser repensado é o fato de tais atividades representarem algo historicamente invisibilizado em muitos contextos do mundo: o trabalho doméstico não remunerado que, majoritariamente, é realizado por mulheres. Este tipo de trabalho usualmente não é contabilizado nas estatísticas oficiais, mas ele é responsável por aprofundar as desigualdades de gênero.

Samantroy (2022) adverte que *as mulheres* continuam a *trabalhar* de forma desproporcional em comparação com os homens. Isso se agrava quando as mulheres também exercem uma atividade profissional remunerada, pois ficam consideravelmente sobrecarregadas com a dupla jornada. Wilkinson (2019) alerta que as mulheres que suportam um fardo duplo de trabalho – o trabalho doméstico não remunerado e o trabalho profissional remunerado –, tendem a ficar mais vulneráveis à pressão do tempo, com a sensação de estarem sempre apressadas, e de forma mais aguda. Portanto, a disponibilidade para fruir o tempo social é desigual em termos de gênero e afeta o direito das mulheres ao lazer, ao usufruto dos bens culturais, ao descanso e à vida social como um todo.

Análises sobre uso do tempo são relevantes, mas é preciso superar a crença de que há “tempo livre” (SAMANTROY, 2022). Seguindo esta linha de interpretação, é urgente repensar a lógica que sustenta a visão antagônica entre trabalho, tempo livre e lazer – sobretudo, neste século XXI. A divisão internacional do trabalho tem se acentuado nas últimas décadas, concentrando o setor industrial nos países do hemisfério Sul, principalmente na Ásia. Em vários países do hemisfério Sul há mão de obra abundante e barata e, salvo exceções, a precarização laboral e a degradação social-ambiental avançam de uma forma avassaladora nesta região geopolítica. Além disso, as tecnologias de informação e comunicação passam por um acelerado avanço, expandindo fronteiras e desafiando as nossas tradicionais noções de tempo e espaço (GOMES, 2023).

Pode ser mencionada, por fim, a ascensão do entretenimento em escala global nas duas últimas décadas. O entretenimento contemporâneo consegue escapar de qualquer limitação temporal e, segundo Han (2019), não está mais circunscrito à esfera do chamado tempo livre. O entretenimento engendra, assim, um novo modo de conduzir a vida que favorece uma fusão entre lazer, trabalho, estudo e outras atividades sociais. Os estudiosos do lazer não podem ignorar as novas configurações que marcam o contexto histórico atual. Nesta perspectiva, é preciso refletir até que ponto faz sentido conceber o lazer como uma esfera da vida que se contrapõe ao trabalho e ao tempo livre em cada território deste vasto mundo.

REFERÊNCIAS

ADORNO, T.W. Tempo livre. *In: Indústria cultural e sociedade*. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.62-70.

BAUMAN, Z. **Modernity and the Holocaust**. London: Polity Press, 1989.

BLOK, A. Primitief en geciviliseerd. **Sociologisch Gids**, v.29, n.3/4, p.197-209, 1982.

DOLAN, P. Class Relations and the Development of Boxing: Norbert Elias on Sportisation Processes in England and France. *In*: HAUT, J., DOLAN, P., REICHER, D., SÁNCHEZ GARCÍA, R. (Orgs). **Excitement Processes**. Springer VS, Wiesbaden, 2018. https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1007/978-3-658-14912-3_10.

DUMAZEDIER, J. **Sociologia empírica do lazer**. São Paulo: Perspectiva, 1979.

DUNNING, E. “Civilisation, formation de l’Etat et sport modern”. *In*: **Norbert Elias, la politique et l’histoire**. Edited by B. Lacroix and A. Garrigou. Paris: La Decouverte, 1997.

ELIAS, N. **The Civilizing Process: Sociogenetic and Psychogenetic Investigations**. Oxford: Basil Blackwell, 2000.

ELIAS, N.; DUNNING, E. **The Quest for Excitement in Leisure**. Quest for Excitement: Sport and Leisure in the Civilizing Process. Oxford: Basil Blackwell, 1986.

FRYDENDAL, S.; THING, L. F. A shameful affair? A figurational study of the change room and showering culture connected to physical education in Danish upper secondary schools. **Sport, Education and Society**, v.25, n.2, p.161-172, 2020. DOI: 10.1080/13573322.2018.1564654.

GOMES, C.L. **Frui Vita: a alquimia do lazer**. Ponta Grossa, PR: Atena, 2023.

GONG, N. How to Fight Without Rules: on civilized violence: “De-Civilized” Spaces. **Social Problems**, v.62, n.4, p.605–622, 2015. <https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1093/socpro/spv014>.

GORDON, Daniel. The Civilizing Process Revisited. *In*: DUNNING, Eric; MENNELL, Stephen (Orgs.). **Norbert Elias**. London: Sage Publications, 2003. p. 4-259.

HAN, Byung-Chul. **Good entertainment: a deconstruction of the western passion narrative**. Cambridge, Massachusetts: MIT Press, 2019.

HEINICH, N. **La Sociologie de Norbert Elias**. Paris: La Decouverte, collection Reperes, 1997.

MENNEL, S. Decivilising processes: theoretical significance and some lines of research. **International Sociology**, v.5, n.2, p.205-223, 1990. <https://doi.org/10.1177/026858090005002006>.

MENNELL, S. L’envers de la medaille: les processus de decivilisation. *In*: **Norbert Elias, la politique et l’histoire**. Paris: La Decouverte, 1997.

SAMANTROY, E. Valuing women's unpaid work in India: Lessons from time use surveys. *In*: SAMANTROY, E.; NANDI, S. (Orgs.). **Gender, Unpaid Work and Care in India**. Routledge India, 2022. <https://doi.org/10.4324/9781003276739>.

SCHLOSS, D. Civilization and Its Discontents: Reading Chuck Palahniuk's Fight Club with Norbert Elias. *In: FRANKE, A., MUELLER, S., SARKOWSKY, K. (Orgs). Reading the Social in American Studies*. Palgrave Macmillan, Cham, 2022. https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1007/978-3-030-93551-1_9.

SINCLAIR, G.; TINSON, J.; DOLAN, P. Music in the time-spectrum: routines, spaces and emotional experience. *Leisure Studies*, v.38, n.4, p.509-522, 2019. DOI: 10.1080/02614367.2019.1597147.

THURSTON, M.; BLOYCE, D. A quest for relaxation? a figurational analysis of the transformation of yoga into a global leisure time phenomenon. *Sport in Society*, v.23, n.10, p.1615-1629, 2020. DOI: 10.1080/17430437.2020.1814574.

WILKINSON, J. The Secret Lives of Friends. *In: The Public Life of Friendship. Palgrave Macmillan Studies in Family and Intimate Life*. Palgrave Macmillan, Cham, 2019. https://doi-org.ez27.periodicos.capes.gov.br/10.1007/978-3-030-03161-9_5.

Endereço da Autora:

Christianne Luce Gomes
Endereço eletrônico: chrislucegomes@gmail.com